

EDITORIAL

A MÃO DE FERRO DA HISTÓRIA

Nada supera ou sobrepõe-se ao poder, ao peso, à mão de ferro da história. Atribui-se a Luis XIV, o rei sol, a expressão: “O poder sou eu”. Tempos após, as ruas francesas sublevaram-se, bastilhas foram derrubadas cabeças de nobres e reis rolaram, ao som das guilhotinas. Hitler, inebriado com seu dantesco regime nazista, no auge das conquistas e nefandos feitos, afirmou que o III Reich duraria mil anos. A história fez-lhes uma subtração drástica: o Império desmoronou em 1.000 dias! Os Beatles, na década de 1960, no decorrer de seus extravagantes shows, disseram ser mais populares que Jesus Cristo. Passados 50 anos, onde estão os Beatles?! Stalin, o tirânico e satânico ditador comunista, de forma irônica, perguntara, certa vez, “quantas divisões tem o Papa?” Krushev, seu substituto no comando do Estado soviético mandou sumir-lhe até as cinzas...

Ninguém, por mais poderoso em armas, dinheiro ou brandindo irmãos de doutrinas humanas, quaisquer que sejam, é proprietário e regente dos destinos da história. Obviamente, só há uma exceção, o poder da Divindade manifesta. “A Mim, foi dado todo o poder, nos céus e na Terra” “Céus e Terras passarão, mas minhas palavras não passarão” “Ninguém mudará um til da lei”.

Eis a vulnerabilidade, a temporalidade, a fragilidade do poder material. Complôs e segredos malévolos, manifestações teratológicas, fraquezas expressas em arrogâncias, crueldades – mitos que a história descostura, desnuda, expõe a luz do dia, e se os exhibe um dia nos cabeçalhos dos jornais, lança-os, no dia seguinte, aos anais da

ignominia e da infâmia...

A evolução civilizatória é dinâmica, intensiva. Tudo próprio da incipiente natureza social. Observam-se diariamente, inquietudes, insatisfações, questionamentos, revoltas, quais magmas vulcânicos que fervilham nos subterrâneos e pélagos da crosta terrestre – ideias, conceitos, contextos, debates, paixões, convulsões que germinam, afloram, utopias que se constroem, políticas e doutrinas que se revelam, tambores que ecoam pelos carreiros e anseios de uma sociedade em ascensão. Afinal, “a história é feita tanto de razão quanto de paixão” (Alain Besançon). E satisfeitos ou não, somos herdeiros de nossos antecessores, o tecido do passado que brilha e nos reveste o presente, para daí extrairmos os fios e lições da memória

Vemos, pois, como personagens, seus feitos e defeitos se estiolam, se entrecocam ao longo das placas do tempo. Basta dar uma compulsada nas enciclopédias e livros didáticos e eis que a história, intransigentemente, depura essências, sepulta excrescências, alija obsessões e glórias sanguinolentas, concedendo sempre sublimação e significação inexorável ao bem.

A História, ao ser narrada, forma sobre si um hipertexto, onde o linear, o superficial se torna profundo, recriando novo contexto, reprocessando os fatos, legando-nos lições muitas vezes, até então, desconsideradas ou inobservadas. E quando tudo parece caótico, informe, incongruente, a história se recicla, se supera, se reconfigura...A certeza de que nada está perdido, definido e muito menos concluído...

AO PÉ DA FOGUEIRA

PONCÃS ‘PAULISTAS’

Produtor rural conceituado, homem refinado, viajado, com propriedade entre os municípios de São Tiago e Bom Sucesso, pomar sortido, muito bem cuidado, com dezenas de variedades de frutas, desde laranjas, peras, ameixas, goiabas, bananas de praticamente todas as modalidades. Produção maciça, naquele ano, de mexericas poncãs, caindo maduras, às centenas, ao solo, fazendo a festa da bicharada e criançada da casa e redondezas.

Resolve, por sugestão de familiares, colocar parte das poncãs. Colhe as frutas, de forma seletiva. Bonitas, firmes, atraentes. Transporta-as, com todo o cuidado, até Bom Sucesso, onde deixa-as, por consignação, na mercearia de um amigo. Ali são dispostas nas bancas de verduras e frutas. Estabelecimento de grande clientela e renome na cidade.

Após uma ou duas semanas, produto exposto pouco ou nada vendera. O merceeiro confia ao fazendeiro:

- O freguês me pergunta de onde são as mexericas. Mania das pessoas, lugar pequeno...Quando digo que são de sua propriedade, fazem muchoco, alguns até dizem impropriedades: de que deve ser fruta catada no chão, de que “ele é rico miserável, não precisaria nem deveria vender frutas”. Outros se espantam e me perguntam: “Quem diria...será que ele está quebrado, dependurado no banco e que está precisando vender até frutas da horta”?

Pensou, de comum acordo com o merceeiro, numa fórmula, num ardid, a fim de superar a resistência e maledicência local. Ad-



quiriu uns caixotes de tábuas, desses padronizados para transporte de frutas, mandou confeccionar, na gráfica, rótulos vistosos, coloridos, atrativos, com logomarca, afixando-os nos caixotes e com os dizeres:

PONCÃS PAULISTAS – DIRETAMENTE DA FAZENDA PRIMAVERA – RIBEIRÃO PRETO
Vendeu todas!

ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Com a cabeça fica mais baixo, sem a cabeça fica mais alto?
- 2- O que é, o que é? Tem asa e não voa, tem bico e não bica?
- 3- O que é, o que é? Pode ser grande ou pequeno, mas tem sempre o tamanho de um pé.
- 4- O que é, o que é? Que todo mundo tem, é vermelho e está sempre debaixo do céu?
- 5- O que é, o que é? Cai em pé e corre deitado?

Respostas: 1- Travesseteiro; 2- Bile; 3- Sapato; 4- Língua; 5- Chuva

Provérbios e Adágios

- Os sábios não dizem o que sabem, os tolos não sabem o que dizem.
- Se o vento soprar de uma única direção, a árvore crescerá inclinada;
- Pouco se aprende com a vitória, mas muito com a derrota.
- Nunca se esquecem as lições aprendidas na dor.
- Quem a si próprio elogia, não merece crédito.

Para refletir:

“Não me prendo a nada que me defina. Sou companhia, mas posso ser solidão. Tranquilidade e inconstância, pedra e coração. Sou abraços, sorrisos, ânimo, bom humor, sarcasmo, preguiça e sono. Música alta e silêncio. Serei o que você quiser, mas só quando eu quiser. Não me limito, não sou cruel comigo! Serei sempre apego pelo que vale a pena e desapego pelo que não quer valer. Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contacto. Ou toca ou não toca”

Clarice Lispector

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



Liteira

O Cel. Antonio Carlos de Oliveira era amigo pessoal de D. Silvério Gomes Pimenta, Bispo de Mariana, a quem recepcionou e acompanhou durante a visita pastoral deste à região em 1896 e 1909. A liteira da fazenda, hoje exposta e componente do acervo do Memorial Santiaguense e à espera de urgente restauração, foi utilizada por D. Silvério para locomoção local. O Cel. Antonio Carlos, em pessoa, coadjuvado por experientes empregados, organizou roteiros, preparou os melhores animais condutores da fazenda, geralmente burros, acompanhando D. Silvério pela região, incluindo São João del-Rei para as despedidas.

Quando da última visita do Arcebispo, Antonio de Lara Resende assim a registra em suas “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça”: “Nos primeiros meses de 1909, D. Silvério, arcebispo de Mariana, foi à Laje em visita pastoral” (pag.403).

Helena Teixeira Martins em sua obra “Sédes de fazendas mineiras – Campos das Vertentes – séculos XVIII e XIX”, à pág. 191, assim se refere, dentre outras, ao Cel. Antonio Carlos de Oliveira: “Com grande capacidade de liderança e espírito conciliador, era comum que fosse chamado para dirimir desentendimentos e desavenças entre casais, irmãos e vizinhos. Entre as boas relações que mantinha, inclui-se D. Silvério, Bispo de Mariana, que lhe trouxe de Roma uma estampa colorida do Papa Pio X, em que está consignado: “Autorizado por S.S. o Papa Pio X, em audiência a 9 de Maio último, concedo a Bênção Apostólica ao Sr. Antonio Carlos de Oliveira e seus parentes e afins até a 4ª geração”

Palácio Episcopal de Mariana
8 de Dezembro de 1905
Ass. + Silvério, Bispo de Mariana




Cel. Antonio Carlos de Oliveira e D. Inácia Cassiana da Cunha, proprietários da Liteira

Patrocínio:



Apoio Cultural:



MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Diferentes mitos, saberes, crenças, ritmos, linguajares, manifestações estéticas, rituais e culturais compõem a alma genuinamente brasileira. Cultivados por gente simples, sábia, anônima que, no fundo dos sertões, ao longo e ao largo do colossal território pátrio, pelas poeiras e trilhas dos séculos, no resfolgar de corpos e corações, no fusionar biológico e étnico das gerações, amalgamam a mais pura expressão popular.

As manifestações populares envolvem aspectos lúdicos, emocionais, mágicos, de socialização e mesmo materialização da fé, como nos festejos religiosos; reforçam os vínculos sociais e afetivos, aproximando pessoas, promovendo a coesão comunitária e a efervescência do coletivo. Através da representação e da prática cultural, na condição de protagonistas e atores, as pessoas rompem as barreiras do cotidiano e as amarras do socialmente estabelecido, extravasam repressões, criam um corpo coletivo pleno de emoções, vivências, dinâmicas, multiplicidades, espelhando a face viva, simbólica e representativa da sociedade.

Expressões culturais e humanas ignoradas, escondidas, discriminadas pela sociedade dita erudita, mas que sobreviveram no silêncio, ao relento, à margem das linhagens senhoriais, formando, contudo, uma herança tipicamente brasileira. Movimentos de ritmos ancestrais, sons dos ventos no impulso das caravelas colonizadoras, marulhos segredados das ondas, lamúrias da terra e da alma indígena pisoteadas, dores da escravidão, infortúnios do degredo, sonhos de imigrantes, sagas das matrizes criativas, eis nossa brasilidade, patrimônio de todos, secularmente costurado, diariamente ostentado em cores, gingas, corpos, devoções, emoções...

Valores culturais, religiosos, familiares, advindos dos antepassados e que constituem a identidade nacional, ainda que Estado e sociedade elitistas tenham ignorado e tornado “invisíveis”, por gerações, grande parte da população: indígenas, escravos, quilombolas, sertanejos.

As pessoas anônimas do interior, à ótica da sociedade urbana e instruída, europeizada, tornaram-se estereótipos do ridículo e do anedótico, a exemplo do caipira, peão, tidos como “bárbaros”, incultos, cidadãos de terceira ou quinta classe. Um recenseamento demográfico realizado pelo Império em 1872, incluía quatro classificações: branco, negro, pardo, caboclo. Escravos e indígenas foram incluídos apenas como “integrantes da população”.

Sociólogos e historiadores afirmam que o Brasil só passou a adquirir uma maior e melhor consciência ou identificação nacional – e daí uma cultura viva, ainda assim incipiente – somente em fins do século XIX, com a “convocação” dos brasileiros, os denominados “Voluntários da Pátria” para participarem da Guerra do Paraguai (1864-1870). Anterior a isso, o País era conhecido e administrado em termos da Corte e cidades litorâneas. Salvo expedições oficiais desbravadoras, de reconhecimento geográfico e outras pilhantes como as Bandeiras, pouco se sabia da realidade do imenso País. Tropeiros, mineradores, criadores de gado, extrativistas foram igualmente personagens que contribuíram para a expansão e interiorização nacional. Fixando-se o homem nas fazendas de gado, garimpos, lavouras de café e engenhos de cana, além de outras unidades produtivas, gradualmente povoaram-se as regiões até então desabitadas. Em nosso meio, a “Picada de Goiás”, criada pelo Governo Colonial, na década de 1730, através das sesmarias, em muito contribuiu para o incremento humano regional.



Profª Rosália Alice de Carvalho

No dia 26 de Outubro de 2013, São Tiago rememorou, com carinho e afeição, o centenário de nascimento de uma de suas mais ilustres filhas e personalidades – Rosália Alice de Carvalho.

Professora da tradicional Escola Estadual “Afonso Pena Júnior” e do antigo Ginásio/ Colégio Normal Santiaguense (CNEC), em idos do século passado, em cujos educandários de 1º e 2º Graus, prestou os mais relevantes serviços à formação de centenas, milhares de crianças e jovens de nossa comunidade.

Filha de Manoel Delfino Vieira e Dª Josefina Alice de Carvalho. Casada com o sr. Miguel Caputo de Resende (“Miguelito”), alfaiate de profissão, matrimônio celebrado em 21/09/1935, tendo o casal, ao todo, doze filhos: Terezinha, Wilson, Alceu, Antonio, Maria de Nazaré, Alcéia, Dircéia, Irinéia, Ilnéia, Irineu, Dirce e Zildeu.

Mestra extremamente devotada, dedicada, humilde, de inesgotável bondade, detinha, ademais, excepcionais dotes artísticos como pintora, desenhista, calígrafa. Seus antigos alunos lembram-lhe sempre o carinho, o respeito, a abnegação dela recebidos, predados que rendem à memória da inesquecível professora, a estima, a gratidão de todos e o reconhecimento da posteridade.

Mulher dinâmica, culta, de múltiplos afazeres, dentro e fora das salas de aula. Uma artista completa voltada igualmente para



A jovem Rosália Alice de Carvalho



*Profª. Rosália,
Miguel e filhos*

as artes cênicas: teatro, circo, envolvendo e empolgando a cidade na coordenação de auditórios, encenações de peças teatrais, eventos cívicos e artísticos etc. Sendo uma de suas filhas, casada com o sr. Aibi, proprietário e celebrado empresário de circo, D^a Rosália, após aposentar-se do magistério, acompanhou-os por várias partes do País.

Na área social, igualmente colossal foi a sua contribuição à comunidade. Prof.^a Rosália foi colaboradora direta de Mons. Francisco Elói na gestão das Obras Sociais da Paróquia, desenvolvidas em apoio aos pobres, que, naqueles tempos, eram muitos. Teve especial atuação, ao lado de D^a Maria Luiza Vivas (07/02/1903 – 10/09/1991), outra notável benfeitora são-tiaguense, no atendimento a leprosos e andarilhos que passavam frequentemente pela cidade. Mons. Elói construíra a Casa São Vicente de Paulo, instalada primeiramente próxima ao Cemitério e posteriormente na periferia da cidade (hoje o Trevo) onde samaritanas, como D^a Rosália e D^a Maria Luiza, cuidavam dos leprosos e enfermos anônimos, ministrando-lhes banhos, curativos, alimentação, agasalhos, hospedagem, etc. Trabalho humano da mais elevada ordem e abnegação cristã!

Ao final da vida, com problemas de saúde e idade, estabeleceu-se em Divinópolis, onde residiam já vários filhos e netos, aí falecendo a 29/04/1996.

Praticamente todos os seus filhos eram artistas natos, participando ativamente de auditórios (Dia das Mães, Tiradentes, etc.), serestas, encenações teatrais, circenses, religiosas, além de desfiles cívicos, de moda, bailes, tertúlias e eventos afins.

Wilson Caputo, um de seus filhos, um verdadeiro galã à Tony Curtis, voz refinada, empostação impecável, era um excelente

ator, cantor e declamador. Viria a falecer prematuramente. Uma pena não ter conseguido, quando jovem, maiores oportunidades no setor artístico regional e mesmo nacional. Foi ele um dos membros do grupo ou “troupe” da família Caputo – juntamente com os primos Bosco, José Alvim, Alfredo, etc. – a motivarem, a encantarem, senão “incendiarem” a cidadezinha de então, com suas “artes”, folganças, brincadeiras, farras... Injetavam vida, vitalidade, um eloquente questionamento à pasmaceira reinante! ¹

NOTA

(1) O teatro foi relativamente bem desenvolvido em São Tiago até meados do século passado. Grande número de devotados atores, muitas peças representadas. Espetáculos de notável valor cênico e artístico. D^a Rosália, invariavelmente, estava envolvida, seja à frente e/ou nos bastidores dos espetáculos cênicos e eventos artísticos de nossa terra. Ali estava ela coordenando e coadjuvando ensaios, orientando, desdobrando-se em todos os detalhes: textos, figurinos, personagens, cenários, adaptações...

Lembramo-nos que, em 1959, ao ensejo das comemorações do Dia das Mães, fora encenada uma peça teatral alusiva, sob coordenação de D^a Rosália. Local o Salão Paroquial. No decorrer da peça, Wilson Caputo, um dos atores, - na qual contracenava com a mãe, D^a Rosália - declamou o poema “Dia das Mães” (transcrito na página seguinte), de autoria do poeta e jornalista Giuseppe Artidoro Ghiaroni (Paraíba do Sul, MG 22/02/1919 – Rio de Janeiro 21/02/2008). O enredo falava no retorno do filho errante, após longa temporada exilado do lar. Quando Wilson encerrou a declamação, com toda a sua eloquência, timbre, emotividade, personalidade, mãe e filho abraçados, a plateia também envolvida plenamente com o enredo – e houve muita emoção, lágrimas, aplausos... Bons, belos tempos da cultura e arte, entre nós!



Prof.^a Rosália Alice

Prof.^a Rosália, exuberante protagonista de nossa história, com as marcas deixadas nas áreas da educação, das artes, da assistência social, recebe a indelével homenagem de nossa comunidade, configurando como patrona da cadeira nº 23 do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago e cuja titular é a escritora Maria Ilza Mendes de Almeida.

Diadas Mães

Mãe! Eu volto a te ver na antiga sala
Onde uma noite te deixei sem fala
Dizendo adeus como quem vai morrer
E me viste sumir pela neblina,
Porque a sina das mães é esta sina:
Amar, cuidar, criar, depois...perder

Perder o filho é como achar a morte
Perder o filho quando, grande e forte,
Já podia ampará-la e compensá-la
Mas nesse instante uma mulher bonita,
Sorrindo, o rouba, e a velha mãe aflita
Ainda se volta para abençoá-la

Assim parti e me abençoaste
Fui esquecer o bem que me ensinaste
Fui para o mundo me deseducar
E tu ficaste num silêncio frio,
Olhando o leito que eu deixei vazio,
Cantando uma cantiga de ninar

Hoje volto coberto de poeira
E te encontro quietinha na cadeira
A cabeça pendida sobre o peito

Quero beijar-te a fronte e não me atrevo
Quero acordar-te, mas não sei se devo
Não sinto que me caiba este direito

O direito de dar-te este desgosto
De te mostrar nas rugas do meu
rosto
Toda a miséria que me aconteceu
E quando vires a expressão horrível
Da minha máscara irreconhecível
Minha voz rouca murmurar: "Sou
eu!"

Eu bebi na taberna dos cretinos
Eu brandi o punhal dos assas-
sinos



Sr. Wilson Caputo - ao violão

Eu andei pelo braço dos canalhas
Eu fui jogral em todas as comédias
Eu fui vilão em todas as tragédias
Eu fui covarde em todas as batalhas

Eu te esqueci: as mães são esquecidas
Vivia a vida, vivi muitas vidas
E só agora, quando chego ao fim,
Traído pela última esperança
E só agora quando a dor me alcança
Lembro quem nunca se esqueceu de mim

Não! Eu devo voltar, ser esquecido
Mas que foi? De repente ouço um ruído;
A cadeira rangeu; é tarde agora?
Minha mãe se levanta abrindo os braços
E me envolvendo num milhão de abraços,
Rendendo graças, diz: "Meu filho!" e chora

E chora e treme como fala e ri
E parece que Deus entrou aqui
Em vez de o último dos condenados
E o seu pranto rolando em minha face
Quase é como se o Céu me perdoasse,
Me limpasse de todos os pecados.

Mãe! Nos teus braços eu me transfigurei
Lembro que fui criança, que fui puro,
Sim, tenho mãe! E esta ventura é santa
Que eu compreendo o que significa:
O filho é pobre, mas a mãe é rica!
O filho é homem, mas a mãe é santa!

Santa que eu fiz envelhecer sofrendo
Mas que me beija como agradecendo
Toda a dor que por mim lhe foi causada
Dos mundos onde andei nada te trouxe
Mas tu me olhas num olhar tão doce
Que, nada tendo, não te falta nada

Dia das Mães! É o dia da bondade
Maior que todo o mal da humanidade
Purificada num amor fecundo
Por mais que o homem seja um mesquinho
Enquanto a Mãe cantar junto a um bercinho
Cantar a esperança para o mundo!

Termos de Posse e de Juramento e Posse de Rosália Alice de Carvalho


(Arquivos da E.E. "Afonso Pena Júnior")

34

Termo de posse da Exma. Srta Rosália Alice de Carvalho, professora interina do Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior" de São Thiago, município de Bom Sucesso

Em 26 dias do mês de setembro de 1944, valendo-me dos dispositivos regulamentares, em vigor, Art. 435, n.º 6, depois de me apresentar o título de nomeação pela Exma. Srta. Rosália Alice de Carvalho, como professora interina deste estabelecimento, com os débitos devidamente pagos, de posse da afofada professora, que prestou o compromisso do Art. 444, do Regulamento do Ensino Primário e entrou em exercício do cargo para os devidos efeitos, para a presente termo.

São Thiago, 26 de setembro de 1944.

 para substituta


35

Termo de juramento e posse de Rosália Alice de Carvalho, diretora interina de 1ª classe deste estabelecimento

No primeiro dia do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta e um, compareceu perante mim, Afonso Pena Júnior, diretor municipal de Bom Sucesso, Afonso Pena Júnior, diretor municipal de Bom Sucesso, para o cargo de professora efetiva deste estabelecimento, no qual foi efetivada por ato de 19 de agosto de mil novecentos e quarenta e um, a efetivada, depois de apresentar à título devidamente legalizada, tendo prestado o compromisso de desempenhar bem e fielmente os deveres do cargo por mim dado por esposa do referido cargo, do que, para constar, lavrei o presente termo, que vai assinado por mim e pela esposa do Sr. Afonso Pena Júnior de 19 de agosto de 1944.

São Thiago, 19 de agosto de 1944.

Ana Siodora de Carvalho, diretora interina





A COPA DE 1950 E O RÁDIO DO VOVÔ CIRO

Ermínia Caputo¹

Ano de 1950. O Brasil sediava a Copa Mundial de Futebol.

Eu, menino de dez anos de idade, estudante de escola primária, no município de Passa-Tempo-MG, ouvia, em um bar que ficava perto do Hotel, no centro da cidade, a transmissão dos jogos da Copa, através de um aparelho de rádio. Poucos tinham o privilégio de possuírem um aparelho desses, que ainda era raridade.

Mês de julho. Chegaram as férias, que eram passadas na fazenda de meus Pais – Fazenda Casanova – , situada no município de Resende Costa-MG.

Aproximava-se o final da Copa do Mundo. Brasil e Uruguai jogariam no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Não se falava em outra coisa no País!

Na fazenda não havia rádio. Eu, com meus dez anos, não dava sossego a meus pais: queria a todo o custo ouvir o jogo. Mamãe disse que eu poderia ficar sossegado, que não perderíamos o jogo. Mandaria um empregado levar-nos, eu e meu irmão Darcí, a cavalo na fazenda do Vovô Ciro, onde havia um rádio. A fazenda do Penedo ficava no município de Ritópolis-MG. Viagem de duas horas, a cavalo.

Promessa cumprida, no dia do jogo partimos em direção à casa de nosso querido avô.

Quando ali chegamos, fomos tomados por uma grande surpresa: dois dos meus tios haviam viajado ao Rio de Janeiro para assistirem ao jogo. Surpresa ainda maior com o tamanho do rádio: muito grande, com enorme bateria, tipo bateria de carro.

Quando falamos o motivo de estarmos ali, disse-nos vovô: vocês perderam a viagem, porque ontem já não deu para eu assistir meus caipiras. Mas como sempre sobrinho e neto tem vez, vou mandar um empregado na Fazenda da Água Limpa, na Restinga, porque lá tem um gerador que sempre carrega a bateria para nós. Se não der pra vocês assistirem o jogo, dá para eu assistir meus caipiras.

E lá se foram os dois empregados – nosso acompanhante foi de companhia – com a bateria dentro de um caixote, colocado este dentro de um saco, que foi amarrado cuidadosamente, à cabeça do arreio de um dos cavalos. É que a bateria poderia cair e se quebrar, o que seria um dano para todos nós.

Ficamos ansiosos à espera do valiosíssimo objeto, que somente chegou para assistirmos o segundo tempo da tão esperada partida de futebol.

Tamanha espera para uma grande decepção: a vitória do Uruguai sobre o Brasil. Em vez de festa, virou choro.

Mas comemoramos à noite na casa de vovô, comendo doces e pipocas, ouvindo as músicas caipiras, paixão de nosso avô. Foi um passeio muito bom, porque casa de avô é sempre deliciosa.

Apenas dois anos depois, na Fazenda Casanova foi construída uma pequena usina elétrica, com dínamo tocado a água. O trabalho foi realizado por um eletricitista de São João del-Rei, de nome Edson.

Tivemos então nosso primeiro rádio.

Comemorando os oitenta anos de vida, Zagalo, o grande técnico do futebol brasileiro, continua entusiasmado e deseja assistir à Copa Mundial de Futebol, a ser sediada pelo Brasil em 2014. Em 1950, jovem estudante como eu, já estava no Maracanã, tocando em um banda de música escolar. Anos depois, ocupou a função de técnico da Seleção Brasileira de Futebol, contribuindo para a vitória do Brasil em várias Copas do Mundo. Em muito honrou nosso País.

Assim como o Zagalo, sou um veterano apaixonado pelo futebol, apesar de ser um apenas um espectador-sonhador².

(1)- Ermínia de Carvalho Caputo Resende é natural de São Tiago – MG.

(2)- O texto escrito preserva a fidelidade à narrativa oral de Laerte da Silva Resende, residente em São Tiago-MG.

